



Série II

Nº 10

# MINFA

18/5 a 25/5/76

MINISTÉRIO DA INFORMAÇÃO

REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

Preço: 2\$50

## NÓS SOMOS OS DONOS DA NOSSA TERRA E NÃO DEVEMOS DESCUIDAR A VIGILÂNCIA

- Disse o Camarada Presidente Agostinho Neto, no seu histórico discurso, na Praça Comandante Cow-Boy, no Lubango.



«Camaradas: A nossa delegação tem o grande prazer de verificar que, nesta cidade do Lubango, toda a população dá o seu apoio ao MPLA. Tem o prazer de transmitir a todos os nossos camaradas aqui da Huíla e, especialmente desta cidade do Lubango, as saudações revolucionárias dos camaradas do Conselho da Revolução, dos camaradas do «Bureau» Político,

dos membros do Governo e de todos aqueles que, no nosso País, têm a responsabilidade da direcção política.

Podemos verificar, com agrado, que a Comissão Directiva da Huíla, os camaradas que ainda estão a funcionar na Comissão de Emergência, os camaradas

(Continua na pág. 2)

(Continuação da pág. 1)

de diversos graus de Acção e Comitês de Zona e, particularmente, o camarada Comissário Provincial, organizaram uma recepção que muito nos agradou, que nos deu mais um motivo para confiarmos no desenvolvimento futuro do nosso País. Aproveite esta ocasião para agradecer à Comissão Directiva da Huila, ao Camarada Comissário Provincial, aos Comitês de Zona que se apresentaram aqui, por exemplo, da Jamba, aos camaradas activistas do nosso Movimento, às camaradas da OMA e aos camaradas entusiastas da JMPLA. E, à JMPLA, eu quero dizer uma coisa: nunca ouvi o Hino Nacional tão bem cantado como ontem. De facto, os camaradas da juventude são bons artistas e espero



que possam traduzir essa sua arte não somente na Huila, mas em todo o País e vamos organizar viagens para poderem também mostrar a sua arte noutras províncias.

Camaradas, deixem que eu também agradeça aos camaradas das FAPLA que têm garantido a nossa segurança aqui, que têm dedicado o seu esforço e feito os maiores sacrifícios para que Angola continue Independente e Livre. Queria também agradecer aos camaradas que, doutras áreas que não do Lubango, nos convidaram a deslocarmo-nos ali, para efectuarmos outras curtas visitas — como, por exemplo, os camaradas que talvez a esta hora ainda estejam à espera em Caluquembe e em Caconda. Infelizmente nós não podemos, devido à falta de tempo, deslocarmo-nos até ali, porque senão não trabalharíamos com os diferentes organismos que tivemos a oportunidade e a felicidade de encontrarmos hoje.

Percorreríamos quilómetros e quilómetros e talvez não conversássemos sobre os problemas essenciais des-

ta Província. Por isso, peço a todos os camaradas e, especialmente, peço à Comissão Directiva e ao Camarada Comissário Provincial que transmitam as nossas saudações — saudações da nossa delegação — a todas aquelas populações que não puderam ter esta oportunidade de um encontro connosco.

Lamento, também, que, por motivos de organização, nem todos aqueles que vieram para assistir a este comício possam estar presentes neste momento. Houve problemas de organização e peço a todos eles que aqui estiveram e que se retiraram antes do comício que compreendam as dificuldades actuais que nós ainda temos de vencer para podermos organizar, de uma maneira eficaz, todos os nossos serviços e todos os nossos actos públicos. Não foi por má vontade que

as coisas aconteceram, mas uma parte da população teve de encontrar meios materiais para poder subsistir.

Quero agradecer ainda aos camaradas cubanos, os camaradas que, ontem, na sessão cultural, quiseram apresentar alguns números da sua cultura e quiseram, portanto, demonstrar, mais uma vez, a sua solidariedade para com o Povo de Angola, com todo o Povo da Huila, com todo o Povo do Lubango.

### DESCOBRIR OS REACCIONÁRIOS CAMUFLADOS

«Camaradas: o nosso País saiu de uma fase de opressão para uma fase de liberdade. Isto significa que há transformações essenciais que se estão a dar no nosso País. Em primeiro lugar, já não somos colonizados. Nós não permitiremos que os colonialistas venham aqui. Nós somos livres. Nós somos os donos da nossa terra. É claro que não devemos descuidar a vigilância.

(Continua na pág. 4)

# PARA NÓS, A INDEPENDÊNCIA TEM DE SIGNIFICAR ALGO MAIS DO QUE TER SIMPLEMENTE UM HINO, TER UMA BANDEIRA E TER UM PRESIDENTE PRETO

— disse o camarada Lopo do Nascimento em Cabinda

*Quando o camarada Lopo do Nascimento, chegou a Cabinda, com a missão de apresentar o Comissário Provincial à população, foi acolhido por um considerável número de populares, apesar da notícia da sua deslocação ter sido comunicada com pouca antecedência.*

*Publicamos, a seguir, as partes mais destacadas do seu discurso, dirigido ao Povo ali presente:*

## QUEM É O COMISSÁRIO PROVINCIAL DE CABINDA?

«Para além de tudo, o que aconteceu com o camarada Kimba, foi o que aconteceu comigo. Eu, feliz ou infelizmente sou o Primeiro-Ministro da RPA, e o camarada Kimba é o primeiro Comissário Provincial de Cabinda.

Eu vou aqui traçar a biografia do camarada Kimba. Como os camaradas o conhecem, é filho desta provincia, militante desde a primeira hora, combatente da 2.ª Região aqui nesta frente, responsável das comunicações no seio das FAPLA, membro do Comité Central do MPLA, homem do Povo, ligado ao Povo.

E que sempre trabalhou e continuará a trabalhar para o Povo. É filho do Povo. É um homem que dedicou a sua vida a lutar e não para recompensar, mas pela sua formação, pela sua preparação. Dedicou e dedicará a sua vida à implantação no nosso País de um regime que sirva, principalmente, as massas mais exploradas e que só pode ser uma Democracia Popular.

## UMA NOVA FASE

A nomeação do Comissário Provincial — disse mais adiante — representa uma nova etapa na nossa vida, traduz uma nova conjuntura interna no nosso País que é a do estabelecimento do início da implantação dos órgãos do Poder Popular, do início da alteração da estrutura organizativa, da estrutura económica, da estrutura social do nosso País.

A independência que nós proclamámos em 11 de Novembro representou um passo histórico, foi um passo para uma verdadeira independência, foi a chamada de atenção do nosso Povo para uma nova situação de independência, mas conforme tem dito o Camarada Presidente, não pode haver independência política sem independência económica.

## O QUE SIGNIFICA PARA NÓS SER INDEPENDENTES

Porque para nós, pode significar simplesmente ter um hino, ter uma bandeira, ter um presidente preto e ter um comissário preto. A independência tem

que representar algo mais que isso. E só pode haver independência política se houver independência económica.

No dia primeiro de Maio, nós começamos a percorrer uma nova etapa, que é a etapa que nos conduzirá à verdadeira independência, à independência económica. No início do percurso dessa



nova etapa, como foi com as nacionalizações decretadas no «1.º de Maio», quer dizer, a restituição ao nosso Povo daquelas riquezas que pertenciam ao Povo e que estavam entregues quer aos monopólios internacionais, quer aos capitalistas estrangeiros.

## AS NACIONALIZAÇÕES

Este foi o primeiro passo que abrangeu também esta provincia, pois como os camaradas sabem, também foi nacionalizada a «Companhia de Cabinda», que era o monopólio que detinha as terras nesta provincia e que a partir de agora a «Companhia de Cabinda» pertence ao Povo. Ela detinha o monopólio das terras desta provincia, ela detinha as melhores terras desta provincia, por

isso foi nacionalizada. Este é o primeiro passo. Nós pensamos que ainda este mês mais nacionalizações serão feitas e que também vão, novamente, tocar a provincia de Cabinda. Nós pensamos que, entre outras, a MABEL, será nacionalizada ainda este mês. Como sabem a MABEL, está paralisada. E porquê? Os camaradas têm ouvido falar no cerco imperialista, porque quando se desenhou no céu de Angola a vitória irreversível do MPLA, o cerco imperialista não terminou. Não terminou e cada vez vai aumentar mais, à medida que a luta avança no sentido da instauração do socialismo, pela implantação de um regime em que o Povo seja dono da sua riqueza. Cada vez mais a sabotagem vai tentar avançar.

A MABEL está parada porque tem uma aparelhagem electrónica que nenhum de nós sabe movimentar, e porque as empresas que nos venderam essa aparelhagem, se recusam a enviar aqui alguém para reparar e verificar esta aparelhagem. Isto camaradas, também é sabotagem.

Nós temos de aprender a contornar estes problemas. E nós temos de contornar este problema porque a MABEL é uma unidade de produção estratégica, uma unidade importante na politica do nosso desenvolvimento. Eles não querem vir reparar a aparelhagem avariada, mas os nossos amigos, os nossos aliados, vão connosco tentar torpear o problema. Porque não pode ser o Povo angolano a pagar dividas que os antigos donos da empresa fizeram, quer dizer, os antigos donos da MABEL, que a exploraram e exploraram o Povo, a população desta provincia, pagando salários de fome. Pegaram nos lucros e abandonaram o País. E agora ainda querem que sejamos nós a pagar o roubo que fizeram os antigos donos, para que venham reparar as máquinas. Nós não podemos aceitar camaradas! Temos de reforçar a nossa vigilância, para darmos a resposta merecida ao capitalismo.

É claro, a nacionalização é uma decisão politica resultante de uma correlação de forças a nível interno e externo. É por isso que nós temos de programar as nacionalizações, em função da correlação de forças que existe, quer a nível interno quer a nível externo. É por isso também, que em função de cada sector temos de analisar o problema das nacionalizações, porque normalmente as pessoas esperam que quando se faz uma nacionalização, nós indemnizemos os antigos patrões do bem nacionalizado. Quer dizer: era como se eles nos andassem a explorar durante séculos e depois nós tivéssemos que lhes pagar, para eles deixarem de nos explorar.

Mas a nacionalização, como disse, é o resultado de uma correlação de forças

(Conclui na pág. 11)

(Continuação da pág. 2)

Devemos ser vigilantes porque o inimigo foi vencido militarmente, mas está a procurar outros meios para dominar o nosso Povo.

Lembram-se os camaradas que aqui nesta cidade e nesta província da Huíla houve uma acção intensa da reacção? Os reaccionários estavam aqui estabelecidos. Não era só o ELP, era também a UNITA, era também a FNLA. Outros reaccionários camuflados estiveram aqui. Eles exerceram a sua actividade contra o nosso Povo, mas hoje nós estamos vitoriosos, nós estamos fortes e talvez ainda haja alguns camuflados. Não sei? Isso será tarefa do camarada Comissário Provincial: descobrir quem são os camuflados reaccionários que estão aqui.

Aqui foi um centro da reacção. Foi um centro racista. Foi um centro em que se defendia a dominação do homem branco sobre o homem negro. Agora somos independentes. Agora somos livres. Agora somos donos da nossa terra. E não devemos ter nenhuma espécie de timidez para impôr a autoridade do Povo, sobre todos os homens, mulheres e crianças nesta província. Quem comanda aqui é o MPLA e o MPLA é o Povo e o Povo é quem comanda.

Camaradas, não devemos, portanto, ter nenhum receio para pormos em prática aquilo que são as decisões dos organismos superiores do nosso Movimento e do Estado. Temos aqui representantes do nosso Governo. Temos representantes do nosso Partido — o MPLA — e esses são os organismos que têm de ser respeitados. Não devemos de qualquer maneira admitir abusos em relação às autoridades do nosso País. É claro que a nossa organização política deve ser uma organização que, de uma maneira objectiva, possa examinar cada problema que se põe, por exemplo, aqui na província da Huíla. Não devemos abusar da autoridade. Não devemos fazer com que os corpos constituídos para a defesa do nosso Povo, para a defesa do nosso País, se comportem de uma maneira menos digna, de maneira menos correcta, em relação a cada um dos elementos do nosso Povo. E devemos saber quem é o Povo.

## QUEM É O POVO?

Quando dizemos Povo o que queremos dizer com isto? Sim: é o MPLA, mas no MPLA há várias pessoas, há vários grupos, há várias camadas sociais. Temos de considerar que estas camadas sociais existem no nosso País. Não podemos esquecer isto. Aqui no nosso País, temos operários, temos camponeses, temos funcionários públicos, temos proprietários, temos os ricos também...

Desde que cada elemento duma dessas classes, não se comporte de uma maneira antipatriótica, contra o nosso Povo, contra o interesse do nosso País, nós devemos respeitá-los, para que ele produza, para a reconstrução de Angola.

Por vezes, o nosso Povo — e é normal que assim seja nesta época — ainda confunde branco com português. Qualquer branco é português. Mas não é. Por vezes é cubano. Por vezes é soviético. Por vezes é romeno. Por vezes é sueco. Enfim, há brancos de todas as nacionalidades. Estão aqui em Angola. Portanto, todo o branco não quer dizer português. E muito menos branco quer dizer reaccionário. Branco não é necessariamente reaccionário. Nós temos ajuda de diversos países do mundo, países socialistas, cujos povos são brancos. E eles virão, para cada vez mais, para

ajudar o nosso processo de reconstrução. Portanto, branco não é necessariamente português e português não é necessariamente reaccionário».

## ACABAR A DISCRIMINAÇÃO E O TRIBALISMO

«É preciso que isto seja compreendido, mas vamos detectar aqueles indivíduos que foram do ELP. Não podem mais estar aqui connosco. Quem foi do ELP que vá para a sua terra — nós não queremos, aqui, que a reacção continue, livremente, a exercer a sua acção e actividade contra os interesses do nosso Povo. Queremos, sim, aqueles que trabalham para o nosso Povo e para Angola. Quer dizer que estamos ainda nesta fase de transformação política do nosso País. Transformação portanto, que exige, de cada um de nós, vigilância, firmeza e coragem para agir, em cada momento, quando encontramos reaccionários, mas não de uma maneira arbitrária. Nós temos tribunais. Nós temos Polícias, para poder julgar, para poder examinar cada crime que foi cometido, no passado ou, agora, no presente.

Temos camaradas que ultrapassaram outras condições. Aqui, na província da Huíla, os camaradas apresentaram-me camaradas Muilas e camaradas Mucubais. Não me apresentaram Angolanos, apresentaram Muilas e Mucubais. Isto é tribalismo ou não? Então, vamos acabar com essa discriminação de muilas e mucubais e também de mestiços, brancos e pretos. Todos são angolanos. Vamos trabalhar para a Reconstrução do nosso País, sem distinguir tribos ou línguas ou cores da pele. Vamos ver, simplesmente, quem é patriota, quem é que pode contribuir para o progresso do nosso País e quem é reaccionário.

Quem é reaccionário, se for estrangeiro, vai para a sua terra; se for angolano, vai para a cadeia.

Nós não exigimos que todo o Povo seja do MPLA. Isso não é possível: há liberdade de pensamento. O que nós não permitimos — e não permitiremos nunca — é que haja actividades contra o MPLA.

Isso não! Temos toda a liberdade. Temos, no nosso país, uma série de religiões: católicos, protestantes, feiticistas... cada um pode praticar a religião que quiser, somente nós vamos proibir uma certas religiões que estão a trabalhar contra o MPLA.

Parece que há aí algumas religiões — não sei se são cristãs ou não — que estão ao serviço dos imperialistas. Portanto, essas religiões têm que desaparecer daqui. Os camaradas sabem a que propósito eu estou a falar...

Isso não é só para a Huíla. É em todo o País. Em todo o nosso País.

Temos uma boa colaboração com a Igreja Católica, boa colaboração com as Igrejas Protestantes. Mas há algumas denominações que são antipatrióticas e antinacionais e que nós não podemos permitir que elas desenvolvam a sua actividades em Angola...

## A VIA SOCIALISTA

A transformação política que nós estamos a pôr em prática no nosso País exige que simultaneamente nós transformemos, também, o sistema económico. Não podemos ter um sistema político sólido, sem que a economia seja também sólida. E, por isso, uma vez que o MPLA optou pela via socialista, é preciso que a organização económica seja também do tipo socialista, logo o Conselho da Revolução tomou certas medidas.

(Continua na pág. 9)



# INQUÉRITOS E ENTREVISTAS

## CUSTE O QUE CUSTAR

### O PODER POPULAR SERÁ IMPLANTADO TAMBÉM EM MOÇÂMEDES

— afirmou o camarada António da Costa Lopes da Câmara, Comissário Provincial de Moçâmedes.

**MINFA.** — Quais as dificuldades que pensa encontrar, no cargo que acaba de ser nomeado?

**LC.** — Bom, Moçâmedes foi uma das Províncias fortemente atacada pela reacção no colonialismo, pela ocupação sul-africana, portanto, uma Província, também vítima da guerra; Há uma série de dificuldades, as criadas pelas cheiãs do rio Bero, há cortes nas picadas de acesso ao interior da cidade. Teremos que levar os géneros alimentícios ao nosso Povo, dar assistência médica e

medicamentosa, pois com a direcção do Ministério da Administração Interna, e a orientação do nosso Movimento e o conhecimento dos problemas penso que as dificuldades, no local e na devida altura serão resolvidas.

**MINFA.** — Quais as dificuldades mais sentidas pelo Povo de Moçâmedes?

**LC.** — Ainda temos muitas dificuldades, além das que já frisei, ainda não

estão criadas as condições para o escoamento por terra dos nossos produtos, nomeadamente o valioso peixe. A recepção de alguns géneros também é difícil. O sector sanitário está apenas agora a alargar-se, para as zonas rurais, enfim há conhecimento concreto destas situações e são mesmo essas que nós vamos atacar de modo que o nosso Povo comece a sentir já algum bem-estar.

**MINFA.** — É do conhecimento geral que brevemente estará aberta a campanha para a eleição dos órgãos do Poder Popular, na Província de Luanda. Qual será a contribuição efectiva do Povo de Moçâmedes, perante tal acto de grande importância, para a vida da Nação?

**LC.** — As Comissões Populares de Bairro, de Comuna ou de Povoação, são verdadeiramente os órgãos representativos dos seus habitantes; não sei, mas a verdade é que a nossa contribuição objectivamente no acto não poderá ser grande.

Pensamos aprender com esta tarefa a da realização das eleições em Luanda, estamos conscientes de que só a execução da Lei 1/76 é uma das práticas mais consequentes dos princípios defendidos pelo nosso Movimento. Custe e custe a quem custar o Poder Popular tem de ser implantado no nosso País. E em Moçâmedes também será implantado. Há já grandes bases de organização de massas, condição fundamental para somente os camaradas perfeitamente enquadrados nas tarefas do Movimento possam estar em condições de abarcar com as responsabilidades que o Poder Popular impõe. Esperamos, portanto, aprender com a experiência de Luanda.

PELO PODER POPULAR  
A LUTA CONTINUA!  
A VITÓRIA É CERTA!





# Povo cultura



## O ZUMBIDO DA MOSCA

Narrou — BESSAKA MANUEL

Recolheu — JOFRE ROCHA

Há muitos, muitos anos, quando todos os animais eram amigos, o soba de uma sanzala distante reuniu todos os bichos que viviam, sob as suas leis e decretou o seguinte:

— A partir de hoje, eu, dono e senhor supremo de todos estes domínios, ordeno que enquanto as minhas mulheres e estiverem banhando no rio, ninguém se aproxime. Quem desobedecer à minha ordem, ficará sujeito a todos os castigos.

O rio era o único em todas as redondezas e todos os animais continuaram a servir-se dele, retirando-se logo que vissem chegar as mulheres do soba.

Um dia a gibóia foi banhar-se no rio. Depois do banho, escolheu o tronco grosso de uma árvore próxima, onde se dispôs a dormir preguiçosamente. Quando já estava em sono profundo, chegou a mosca disposta a pregar uma partida à gibóia. Esvoaçando metediza e brincalhona, pôs-se a gritar com barulho ao ouvido da gibóia adormecida:

— Acorda e foge, que vem aí um grande perigo! Acorda e foge que vem aí um grande perigo!

A gibóia sobressaltada, despertando sob um sol muito ardente, pensou logo que a árvore estivesse a ser consumida por um incêndio devastador. Por isso, ligeira, deixou-se cair do tronco e enfiou pelo primeiro buraco que encontrou.

Era a casa de uma toupeira, que estava descansando sossegada a um canto. Assim que viu a gibóia entrar tão precipitadamente, a toupeira em doida correria, abalou com grande alvoroço pela saída da toca que dava para uma clareira de muitas árvores.

O macaco empoleirado, ao ver a toupeira, animal que só andava de noite, surgiu esbaforida e tão aflita, de si para si pensou que havia perigo. E pelo sim pelo não, de galho em galho, de árvore em árvore, tratou de pôr-se à salvo, mas fê-lo tão desastradamente que quebrou com grande estrépito o galho duma árvore.

O galho que se desprendeu foi atingir em cheio um elefante que, pachorrontamente, fazia a sesta. Irritado pela interrupção, o paquiderme partiu em desabalada correria, varrendo tudo à sua passagem. E, no meio de uns tufos de caim, o elefante nem sentiu que pisava no ninho dum catete.

A mãe catete assim que chegou e deparou com os filhos mortos ficou como doida. Pelos estragos feitos em redor calculou que fosse obra do elefante. E não esteve com meias medidas, arqui-tectou a sua vingança. Voou durante muito tempo, até encontrar uma brasa

de fogo que trouxe no bico e com ela ateou à mata inteira. Em poucos minutos a massa da floresta transformou-se num inferno gigantesco e muitos animais pereceram nas chamas.

Mas o veado no meio da aflição, lembrou-se de um lugar seguro: o rio. E em saltos fantásticos, atravessou como pôde a extensão em chamas e mergulhou no rio, onde se banhavam neste momento, as mulheres do soba. Elas queixaram-se ao marido da inosilência do veado e o soba, indignado, mandou vir o transgressor à sua presença.

— Tu, veado, infringiste as minhas ordens. Tivestes a ousadia de mergulhar no rio e por isso te aguarda o castigo.

Semi-morto de medo, o veado conseguiu defender-se:

— Perdoai-me senhor, eu só quis salvar a minha vida. Irrompeu na floresta um incêndio tão terrível, que para me salvar tive que me lançar ao rio.

O soba adiou a sentença e mandou investigar na floresta as causas do incêndio que havia obrigado o veado a cometer aquela imprudência. Assim, passados dias, mãe-catete estava em presença do soba irado:

— Tu, catete, lançaste fogo à floresta e fizeste com que o veado se lançasse ao rio quando se banhavam as minhas mulheres, desobedecendo assim as minhas ordens. Vais pagar por isso!

A mãe-catete, vergada ainda ao peso duma grande dor, disse:

— Senhor, perdoai-me esse acto irreflectido. O que me levou a tal foi a dor de ter perdido os meus filhos.

E contou como encontrou o lar desfeito e os filhos esmagados pelo elefante.

Foi fácil encontrar o elefante que, certo de nada ter feito contra a lei do soba, se prontificou a acompanhar os comissários.

— Tu, elefante, ao passares pela floresta pisaste os filhos de mãe-catete que por isso incendiou a floresta e fez com que o veado se lançasse ao rio quando se banhavam as minhas mulheres, desobedecendo assim à minha lei. Tens que pagar por isso!

O elefante, um tanto atrapalhado, explicou o que se havia passado, com a gritaria do macaco que passou em fuga, inquietando a floresta e interrompendo o seu descanso.

E os emissários do soba não tiveram outro remédio senão ir em busca do macaco.

— Tu, macaco, perturbaste a paz da floresta e irritaste de tal maneira o elefante que ele se pôs em correria, matando os filhos de mãe-catete. que se

vingou deitando fogo à floresta e obrigando o veado a procurar salvação no rio quando se banhavam as minhas mulheres, o que vai contra as minhas ordens. És o culpado de tudo e vou castigar-te por isso!

O macaco muito sério explicou que havia achado muito estranho ver a toupeira sair da toca tão assustada à luz do sol e por isso tratara de se pôr ao fresco.

Os emissários do soba tiveram que partir uma vez mais, agora em busca da toupeira que foi trazida à presença do régulo.

— Tu, toupeira, desorientaste o macaco com a tua fuga e fizeste com que ele perturbasse a floresta e irritasse de tal modo o elefante que partiu em desfilada, indo pisar os filhos de mãe-catete que se vingou lançando fogo à floresta e fazendo com que o veado mergulhasse no rio para se salvar, quando nele se banhavam as minhas mulheres, infringindo assim a minha lei. Não tens desculpas e vais pagar por isso!

A toupeira fazendo das tripas coração contou a inesperada intromissão da gibóia sobressaltada na sua toca, que a levou a fugir aterrorizada.

Mais uma vez o soba mandou os emissários que trouxeram a gibóia até à corte.

— Tu, gibóia, foste culpada da fuga da toupeira, que fez fugir o macaco, que foi irritar o elefante, que matou os filhos de mãe-catete, que se vingou incendiando a floresta e levou o veado a lançar-se ao rio quando ali se banhavam as minhas mulheres, o que é contrário à minha lei. És culpada e vais ser castigada por isso!

A gibóia explicou então que a mosca a havia avisado dum grande perigo que se aproximava e ela se pusera a salvo em casa da toupeira.

Os emissários trouxeram a mosca perante o soba, que já com a paciência esgotada, lhe disse do alto do seu poder:

— Tu, mosca, provocaste a fuga da gibóia, que foi assustar a toupeira, que intrigou o macaco, que fez irritar o elefante, que matou os filhos de mãe-catete, que lançou fogo à floresta e fez o veado mergulhar no rio, quando as minhas mulheres se banhavam, desobedecendo à minha ordem. És culpada de tudo e não tens perdão!

A mosca atrapalhadíssima, tartamudou uma resposta, mas não conseguiu apresentar desculpa convincente. Então para castigo, o soba determinou que desde esse dia a mosca fosse tirado o dom da fala.

E até hoje a mosca só sabe zumbir.

# O GOLUNGO ALTO

## ESTÁ NA VANGUARDA DA PRODUÇÃO DO CAFÉ EM ANGOLA

— Precisou o Camarada Primeiro Ministro, Lopo do Nascimento, num Comício realizado no Golungo Alto.

*No passado dia 16, uma delegação importante chefiada pelo camarada Lopo do Nascimento, Primeiro-Ministro da RPA e integrada pelos camaradas: António Jacinto, Ministro da Educação e Cultura; Augusto Lopes Teixeira, Secretário de Estado da Agricultura; e Manuel Pacavira, Director dos Portos, Caminhos de Ferro, visitou os camponeses do Golungo Alto, uma das zonas mais produtivas de café do nosso País.*

*Depois das intervenções dos outros componentes da comitiva, usou da palavra o camarada Lopo do Nascimento que começou por agradecer a manifestação feita pelo Povo e referiu certos aspectos históricos e a combatividade dos habitantes da região. Focou ainda problemas referentes ao abastecimento e transportes e referiu algumas soluções.*

*Fazendo alusão à questão, específica do café, afirmou:*

### **O INSTITUTO DO CAFÉ VAI SER EXTINTO**

«Primeiramente, o Governo vai acabar com o Instituto do Café de Angola e criar um outro organismo, porque o Instituto do Café de Angola não poderia servir os objectivos da nossa Revolução. Era preciso dar-lhe uma outra estrutura, era preciso até, em muitos aspectos, injectar lá gente nova, injectar gente com outra mentalidade, de forma que nós resolvemos criar um outro departamento directamente subordinado ao Secretário de Estado da Agricultura, porque o café é um produto fundamental. O café, neste momento, é o único produto que dá divisas a Angola. O café é um produto que faz viver três províncias: a província do Kuanza-Norte, a província do Kuanza-Sul e a província do Uíge. Todas as pessoas ou quase toda a população dessas províncias, giram à volta do café, ainda com ligações nas províncias do Huambo e do Bié, no que diz respeito à mão-de-obra. Portanto, se o café é um produto fundamental da nossa economia, se é um produto vital da nossa economia, nós temos que dar-lhe toda a atenção.

Ainda possivelmente no fim deste mês ou princípios de Junho, nós vamos organizar, sob a presidência do Camarada Presidente, ou possivelmente sob a minha presidência, uma conferência nacional do café com representantes destas três províncias: Kuanza-Norte, Kuanza-Sul e Uíge; com representantes da UNTA dessas províncias; com representantes dos pioneiros; com representantes da OMA; com representantes, ainda, do Instituto do Café; com representantes de agricultores; com representantes das autoridades administrativas, de todos os concelhos que constituem

essas províncias, para aí traçarmos a política do café que o Governo vai seguir;

Conforme disse, essa terá de ser uma reunião muito grande, alargada, uma reunião muito importante, porque aí, nós vamos discutir tudo o que diga respeito a esse problema. Vamos discutir, como vamos actuar imediatamente. Vamos discutir o problema principal desse momento nessas províncias e mesmo no nosso País, que o problema da próxima colheita».

### **MOBILIZAÇÃO GERAL PARA A PRÓXIMA COLHEITA**

Mais adiante, falando acerca da próxima colheita, o camarada Lopo do Nascimento observou, interrompido frequentemente pelos vivos e palavras de apoio da população:

«Nós não podemos perder a próxima colheita, porque perdemos não só dinheiro, como perdemos também o café do próximo ano e do outro ano. Isso é um desafio que nos lançam e que nós temos de corresponder: o problema da próxima colheita; e o Golungo Alto, que sempre esteve na vanguarda, vai responder positivamente, vai responder «presente», vamos todos mobilizar-nos, para a próxima colheita do café.

Na nova divisão das zonas do café que nós fizemos, o Golungo Alto pertence ao grupo «A». Quer dizer, os grupos que mais produzem café, um grupo que produziu para cima de cem mil toneladas de café na última campanha. Portanto, o Golungo está na cabeça, o Golungo tem de trabalhar para continuar na cabeça. Pioneiros, OMA, JMPLA, professores, alunos, vamos preparar todos para a próxima colheita do café.

### **NOVA POLÍTICA NACIONAL DO CAFÉ**

Os camaradas estavam agora a falar no preço do café. Agora, a política dos preços será outra. Não vou agora aqui dizer qual será a política do preço. Só digo que será outra, porque agora quem já comercializar o café, quer internamente, quer externamente, é o Estado, é o organismo que vamos criar. Portanto, os exportadores do café, aqueles que iam ao Beta, à Mutamba, comprar o café a um escudo para exportar a vinte escudos, esses deixaram de existir. Agora é o Estado que vai se encarregar desse trabalho.

O MPLA sempre se bateu e sempre se continuará a bater, para satisfazer as necessidades do Povo, em especial as massas mais exploradas. Portanto, temos de combater a exploração até no «ouro negro».

Comandante

# NEVES BENDINHA

*ASSINALADO O ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE*

**A DATA DO ANIVERSÁRIO DA MORTE DO HERÓICO COMBATENTE DA LIBERDADE, COMANDANTE NEVES BENDINHA, FOI ASSINALADA COM O DEVIDO BRILHO, EM LUANDA, NO BAIRRO DENOMINADO PELO SEU NOME, FOI ELABORADO UM PROGRAMA COMEMORATIVO QUE SE DESENVOLVOU AO LONGO DE VÁRIOS DIAS, COM A PARTICIPAÇÃO ACTIVA DO POVO E MEMBROS DO PARTIDO.  
MAS QUEM É O CAMARADA COMANDANTE NEVES BENDINHA?**

## BIOGRAFIA DO COMANDANTE NEVES BENDINHA

Neves Adão Bendinha, filho de Adão Mateus Bendinha e de Luzia João Marques, nasceu a 10 de Novembro de 1936, na povoação de Guinza, Ikolo e Bengo. Fez os seus estudos primários na Missão Evangélica de Calomboloca, de 1947 a 1950, vindo a concluir a 4.ª classe em Luanda, no ano de 1952. Frequentou o 1.º ano dos Liceus no Colégio da Casa das Beiras, no ano lectivo de 1954/1955 que interrompe por não conseguir custear as despesas dos estudos e resolve empregar-se. Esta pretensão veio a concretizar-se, tendo trabalhado de facto com o então eng. Eduardo Travanca, no prédio A. Cardoso de Matos, como desenhador de construção civil.

Como membro da Igreja Evangélica de Redentor, em 1957 é nomeado Presidente da Juventude e conseqüentemente representante da Juventude distrital para o Congresso da Juventude das Igrejas Evangélicas realizado no Quéssua, naquele ano. Jovem temperado e dinâmico, regressado de Malanje, começa a sua actividade política no ano de 1958, em contacto com o camarada Cadete, tendo-lhe sido incumbida a tarefa de organizar grupos de células. Em 1959, vindo do Uíge, chega a Luanda o camarada Paiva Domingos da Silva, acompanhado de Virgílio Sotto Mayor, com o intuito de saberem a dimensão dos grupos de células já formados e depois de várias reuniões de trabalho na Igreja de Ikolo e Bengo, voltaram ao Uíge com a promessa de que se avistariam quando estivessem criadas as condições para a luta.

## MOBILIZANDO AS MASSAS

Neves Bendinha revela-se um grande mobilizador das massas. Enquanto isso, dá-se o desvio do navio «Santa Maria» por Henrique Galvão. Conseqüentemente, realiza-se em Luanda a célebre conferência da Organização Internacional do Trabalho — O.I.T. — acontecimentos que animaram todos os nacionalistas amantes da liberdade a redobrar a campanha de descrédito das autoridades coloniais. Nos círculos seus conhecidos prega a oposição, inocula o vírus da revolta contra o regime repressivo de Salazar; todo um clima favorável para um trabalho de conseqüente mentalização e consegue estender as células não só em Luanda. Vai a Catete, às Sanzalas, etc. Em 1960, já formados os grupos de células outro acontecimento vem alimentar e acelerar o já acentuado descontentamento reinante — a independência do Congo ex-Belga. Em Dezembro desse ano são julgados os presos políticos. Um estado de suspense se vive nas cidades; há cantares à noite que anunciam ter chegado o momento para dizer não ao colonial-fascismo e Povo predisposto a desferir o golpe contra o cabotino Salazar.

Todas as manifestações populares atravessam o imaginável. Neves Bendinha dá o balanço das suas actividades com Paiva Domingos da Silva, Virgílio Sotto Mayor, Raul Deão, Imperial Francisco Santana, João Bento e Cadete. deslocam-se para a pedreira — mata da C.A.O.P. —, a fim de iniciarem os treinos; munidos de catanas com o primeiro contingente dos grupos de células recrutados em todos os bairros da cidade, em número de 3123 homens que permaneceriam ali durante oito dias. Neves Bendinha, além de militar, distingue-se também como político.



**Comandante Neves Bendinha, um heróico combatente pela libertação do seu povo**

## PALAVRAS DO CÓNEGO NEVES

No dia 27 de Janeiro de 1961 regressam para Luanda com os 3123 soldados do 1.º exército angolano treinado e politizado, disposto a atacar. Porém, antes do dia aprazado, desloca-se para visitar Mendes de Carvalho que se encontrava detido na Casa de Reclusão Militar, para lhe comunicar o que havia de suceder no dia 4 de Fevereiro, infalivelmente, que os encorajou, tendo-lhes lembrado que passassem pelo falecido cónego Manuel das Neves. Este, depois de explicadas as decisões tomadas, gargalhou e perguntou: Vocês podem fazer isso só com catanas? A resposta de Neves Bendinha, foi dura e terminante: Morrer ou viver. Pelo que cónego acrescentou persuasivamente: vão iniciar a luta de Angola. Sem isso, Portugal nunca poderá reconhecer a Independência de Angola.

(Conclui na pág. 10)



(Continuação da pág. 4)

Primeiro, todos os bens dos colonialistas (que se foram embora, que deixaram as fazendas, que deixaram as fábricas, que deixaram as casas) vão ser confiscadas pelo Estado e já confiscamos algumas. Quer dizer que as empresas agrícolas, as fazendas, as fábricas, as casas abandonadas nas cidades, tudo vai ser confiscado pelo Estado para bem do Povo e vai ser entregue ao Povo.

Aqueles estrangeiros, que estão aqui e continuam a sua actividade, continuam desde, que não prejudiquem o nosso Povo. Essas medidas, regra geral, metem medo aos capitalistas. Os capitalistas sentem medo quando nós dizemos que o Estado tomou conta de tal fábrica ou de tal roça ou de tal empresa industrial. Sentem medo e julgam que vão perder tudo. Não é isso. Mas quem fugiu daqui já não tem direito a possuir nada em Angola. E não aceitamos procurações. Aqueles que têm procurações para alugar casas, para gerir empresas, podem ter a certeza que, daqui a alguns dias, essas procurações serão invalidadas, portanto, as casas aqui da cidade do Lubango, de Luanda, enfim de todas as cidades do nosso País, que foram abandonadas, os prédios que foram abandonados vão ser entregues ao nosso Povo.

Camaradas: quando nós tomamos nas nossas mãos a condução política e da economia do nosso País devemos assumir essa responsabilidade com toda a consciência. Não pode haver progresso em Angola se nós não trabalharmos.

Temos de trabalhar, temos de aumentar a produção, temos de cuidar dos bens que são nossos, que são do nosso Povo. Alguns camaradas pensam, por exem-

plo, que com a Independência já não é preciso fazer mais nada. Ficamos sentados em casa e alguns preferem até estar sentados nos bares para gozar a independência. Não é isso. Quando nós assumimos a responsabilidade do Estado Angolano, isto significa que nos devemos organizar, devemos produzir e devemos, portanto, fazer com que o nosso País possa afastar, de uma vez para sempre, a exploração do homem pelo homem e possa, ao mesmo tempo, progredir do ponto de vista material».

## ORGANIZAÇÃO POPULAR

«Vou repetir mais uma vez, os camaradas das comissões com quem falei já ouviram, mas vou dizer aqui para a população do Lubangó que nós podemos fazer a Revolução com boas ideias, mas nunca com o estômago vazio. Precisamos de ter a barriga cheia... e, então, vamos fazer a Revolução.

Do ponto de vista político, o nosso Movimento instituiu o Poder Popular. Aqui, na Huíla, estamos um pouco atrasados porque ainda não há comissões populares de bairro, ainda não há comissões de aldeias, o que quer dizer que o Poder Popular não está ainda organizado. As circunstâncias que se viveram aqui, a luta contra os sul-africanos, contra a UNITA, contra a FNLA, não permitiram este tipo de organização política que já existe noutras cidades.

Mas, agora, é necessário dar um passo em frente para a constituição dessas comissões populares que vão auxiliar o governo local — vão auxiliar o governo nacional — a resolver os problemas do Povo. São as

(Conclui na pág. 11)



(Conclusão da pág. 8)

Na primeira oportunidade comunico o acontecimento a Patrice Lumumba para nos ajudar. Coragem filho angolano.

No dia 4 de Fevereiro já com os homens dispostos em grupos, equipados com gorros, camisolas interiores, kedes pretos, símbolo de vida ou de... morte e catanas, à meia-noite, partem do lugar junto da estação do caminho de ferro, relativamente em casa de Raul Dão. São atacadas as cadeias de S. Paulo; 7.ª Esquadra; Casa de Reclusão; Emissora Oficial; Posto de Boavista. Desde este momento Neves Bendinha é denunciado como colheita. A sua cabeça, um prémio de 22 mil escudos. Perseguido ferozmente pela P.I.D.E./D.G.S. foge para a mata rumo à fronteira-norte, Malanje, que encontra devidamente cercada. Tenta regressar e no km. 48 encontra-se frontalmente com a P.I.D.E. Ali travam luta corpo a corpo e consegue escapar-se, mas permanece no muceque Heia durante quinze dias.

#### PRESO PELA P.I.D.E.

No dia 9 de Abril é entregue à P.I.D.E./D.G.S. ao conhecido sanguinário chefe Sabino. Quinze dias se passaram,

debaixo de uma investigação dolorosa. É transferido para a cela n.º 2, 1.º andar, da cadeia de S. Paulo, no dia 15 de Maio do longo e penoso ano 1961, uma legião de sanguinários comandados pelos carcereiros David Rodrigues sob as ordens do então secretário administrativo António Emilio Cid, Neves Bendinha é barbaramente torturado à base do cacete. Já inanimado, pronunciou as últimas palavras: «Eu sou Neves Bendinha. Vocês me mataram, mas Angola ficará independente».

Viva o camarada Neves Bendinha. Viva Angola Independente.

Neves Bendinha transportou-se para além das suas dimensões. A sua bravura, a sua abnegação, a sua entrega total à causa nacional, essa qualidade fizeram dele imortal, cujo exemplo tornou heróis tantos outros no decurso da luta de libertação nacional, até a Angola Independente. Neves Bendinha é uma das páginas da História, da luta de libertação do nosso País.

A LUTA CONTINUA!

A VITÓRIA É CERTA!

## TEMOS FALTA DE QUADROS

*Os camaradas JOSÉ LEIRIA SOBRINHO, MARIA ROSA GONÇALVES e DOMINGOS AUGUSTO MANUEL, Membros da Comissão de Trabalhadores do Emissor Regional do Cuanza-Sul vieram ao Ministério da Informação expor alguns problemas:*

**MINFA.** — Como membros da Comissão de Trabalhadores do Emissor Regional do Cuanza-Sul, gostaríamos que nos definissem em traços gerais a situação presente que se encontra o Emissor?

**C.T.** — Como representantes dos Trabalhadores do Emissor Regional do Cuanza-Sul, temos a dizer que o Emissor está totalmente paralisado por avaria técnica, falta de material que foi roubado e alguns danificados pelo inimigo.

Temos também falta de quadros.

**MINFA.** — Qual a contribuição efectiva que o Emissor Regional do Cuanza-Sul tem dado neste momento às massas populares?

**C.T.** — De momento temos participado nas assembleias populares. Temos colaborado nas saídas do Camarada Comissário Provincial a outras localidades. E têm aparecido

pedidos de colaboração mas temos sido impossível ajudar todos os camaradas por falta de material.

**MINFA.** — Os camaradas querem abordar algum assunto que julguem de grande importância e que nós não tenhamos mencionado?

**C.T.** — Voltamos a fazer um apelo aos camaradas do Ministério da Informação, para providenciarem

o mais rápido possível, quanto à situação do Emissor Regional, porque brevemente já não teremos resposta a dar aos camaradas, quando nos perguntarem quando vamos começar a trabalhar? Que todos os Emissores vão para o ar e não se ouve o Emissor Regional do Cuanza-Sul.

Mas queríamos fazer um pedido. Gostaríamos que um camarada do Ministério fosse até nós o mais depressa possível, porque nós temos sido sempre esquecidos.



comissões populares de bairro organismos do Estado. São organismos estatais que exercerão as funções políticas e administrativas para resolver os problemas de cada uma das áreas em que o nosso Povo se encontra. E isto é muito importante que se faça. É muito importante que nós tenhamos esse tipo de organização popular. Temos de acelerar o processo nesta nossa província da Huila.

Temos, por outro lado, de modificar a nossa maneira de pensar sobre a produção, no plano económico. Temos de formar as cooperativas de produção — cooperativas que já existem mas ainda não em número suficiente.

Quer dizer que aquelas fazendas que foram abandonadas devem ser entregues aos trabalhadores, para, num sistema de cooperação, começarem a produzir. E a produção será para seu bem próprio, para o bem dos trabalhadores, para o bem da província e para o bem de toda a Nação. Temos de afastar as ideias egoístas de pensar que a produção de uma província deve servir só para a província. Que se não deve exportar para outras províncias. Enfim, temos todo um problema de distribuição dos bens que nós vamos resolver por intermédio dos Serviços de Comércio.

Nós teremos de evitar, fatalmente, a iniciativa privada no que respeita às importações. Não podemos dar-nos ao luxo de importar artigos que não sejam os essenciais para o nosso Povo. Temos de importar aquilo que é essencial, aquilo que é necessário, aquilo que é imediato, e tudo será planificado pelo governo da República Popular de Angola. Portanto, isto são responsabilidades que nós assumimos. São responsabilidades que cada um de nós deve estar consciente. E mais: o mais importante é que o MPLA, a Comissão Directiva do MPLA, os Comitês de Acção, os Grupos de Acção sejam cada vez mais dinâmicos para poder explicar, a todo o nosso Povo, a orientação política que nós estamos a seguir.

É preciso que a OMA se organize melhor, em toda a parte. Que não haja OMA só no Lubango, mas que haja em cada aldeia — a mais pequena que for. Qualquer aldeia deve ter a OMA, deve ter a JMPLA, deve ter uma actividade política de maneira a que o nosso Povo possa, de facto, compreender qual a orientação que o nosso País está a seguir. E essa orientação é no sentido da organização de um País socialista em que se exclua completamente a exploração do homem pelo homem, em que nós possamos ter a classe operária a dirigir o nosso País, numa aliança perfeita com o camponato. Toda a nossa sociedade tem de estar ao serviço daqueles que produzem: dos operários e dos camponeses do nosso País.

É certo que a juventude anda sempre muito depressa, o MPLA ainda não é um partido, não é um partido marxista-leninista. Vamos, talvez, no próximo Congresso, se todos os militantes do nosso Movimento estiverem de acordo, transformar o Movimento em partido, mas ainda não o é.

## A POLÍTICA INTERNACIONAL

Tenho, camaradas, que me referir, também, a certos aspectos das nossas relações internacionais. Nós somos um Movimento que adoptou uma linha de orientação no plano internacional. Nós somos pelo não-alinhamento, pela não adesão a nenhum bloco militar. Não somos pela instalação de bases militares no nosso País.

Nós somos por uma política completamente independente e as nossas opções são opções do MPLA, sem que qualquer influência estranha tenha determinado essa opção. Temos tido algumas dificuldades com certos países e, porque aqui há uma parte da população que terá laços com Portugal, devo dizer que, neste momento, as nossas relações com Portugal não são boas. Não são boas porque, em primeiro lugar, Portugal não teve a habilidade suficiente para reconhecer, imediatamente, a República Popular de Angola e, depois, porque começou com uma campanha, na sua Imprensa, contra o nosso Povo, contra os dirigentes do nosso País, o que é absolutamente injustificado, o que é absolutamente contra tudo aquilo que nós, antes da Independência, pensávamos que poderiam ser as nossas relações com Portugal. Nós pensávamos que os cinco séculos de convívio, entre o Povo angolano e o Povo português (embora debaixo de condições injustas) que essas relações poderiam, no futuro, transformar-se em relações de amizade, de boa cooperação, tanto mais que haverá alguns interesses materiais, no plano económico, por exemplo, de cooperação entre Angola e Portugal.

Mas de uma maneira estranha, aquilo que se chama o grupo de «retornados», começou a fazer uma campanha contra Angola contra os dirigentes do nosso País. De uma maneira incompreensível, é isso o que impede, portanto, o estabelecimento de relações diplomáticas com a República Portuguesa.

Nós temos esta dificuldade e o mais engraçado é que alguns desses «retornados» andam a pedir para retornar: querem vir para Angola e ao mesmo tempo atacam-nos. Por enquanto, nós não podemos fazer concessões. Somos um Estado soberano e as relações com Portugal não se estabelecerão tão cedo. Nós temos, no entanto, boas relações com outros países. Temos boas relações com países da Europa Ocidental. Estamos a desenvolver boas relações com a Itália, por exemplo. Estamos a desenvolver relações com outros países da Europa Ocidental e da América Latina, que compreendem a nossa situação e aceitam esta nossa posição de independência. De uma maneira especial, muito particularmente desenvolvemos relações de amizade, de cooperação com os países socialistas.

Nós não podemos esconder, não devemos esconder; o desenvolvimento cada vez maior das nossas relações com a União Soviética. Não podemos, nem devemos, esconder o desenvolvimento, cada vez maior, das nossas relações com Cuba e com outros países socialistas que nos assistiram durante a luta militar e que nos estão a assistir agora e que vão assistir cada vez mais para o desenvolvimento em todos os domínios do nosso País».

que nós temos de analisar e programar em função da força que nós possuímos. É por isso que a sabotagem e o ataque imperialista não vai parar. Vai é adquirir outras formas. A sabotagem económica, tentativas de liquidação de divi-

dendos. Temos de dar combate a todas estas manobras do imperialismo».

A finalizar o seu discurso, o camarada Primeiro-Ministro referiu as manobras do imperialismo, que a nível internacional, lança calúnias sobre os povos e países amigos que nos deram a sua solidariedade internacionalista, com es-

pecial destaque para os camaradas cubanos. E chamou a atenção dos trabalhadores angolanos para os trabalhadores portugueses que optaram por ficar em Angola, dando o seu esforço à reconstrução do nosso País. «Esses não são exploradores. Se fossem exploradores já se tinham ido embora» — disse.

# O IMPERIALISMO E A ÁFRICA

«Libertai as nações africanas de toda a ditadura e de todo o imperialismo, quer sejam económicos, políticos, culturais ou ideológicos». Tal é o primeiro objectivo da «ORGANIZAÇÃO NOVA DA ÁFRICA LIVRE», cuja criação acaba de ser anunciada por António Batica, que exerce as funções de Secretário-Geral. Kabyle Mouloud Kaouane será o presidente.

«A ONAL ambiciona a «reconciliação geral» entre os homens, entre as diferentes tribos e etnias, entre os crentes de todas as religiões, as raças e um melhor entendimento entre as próprias nações. Esforçar-se-á igualmente por ajudar na reconstrução de nações libertas, no seu desenvolvimento económico, na restauração do solo, na dinâmica de uma agricultura sã e racional.

«Vários países participam nas actividades da ONAL, cujos principais fundadores são a oposição argelina (ALP), que representará o norte de África; a resistência democrática da Guiné-Bissau, para o centro do continente e a FNLA, angolana, para a África Austral.

«Numerosos movimentos da oposição reuniram-se à ONAL — os da Guiné Conakry, da Guiné ex-espanhola, do Congo Brazzaville, da Nigéria, do Niger, do Daomé, da Somália, da Etiópia e de Moçambique.

«Este movimento dispõe já de uma grande audiência junto destes países, mas por razões evidentes de segurança, não é possível citar os nomes dos simpatizantes activos.

ONAL — bureau para a Europa: 9, rue de Fourcroy, 75017 PARIS. Tel.: 267.53-30»



Após a leitura do texto, inserto no jornal de origem francesa, LE FIGARO de 5 de Maio de 1976, apercebemo-nos das novas formas de actuação do imperialismo em África no presente momento. Na realidade a súbita mudança da política africana dos E.U. vem-se verificando desde há algum tempo para cá, mais precisamente desde o momento em que os E.U. reconheceram que, devido, acima de tudo, às suas condições políticas internas, estavam derrotados em Angola, depois de uma tentativa frustrada de domínio pelas armas.

Assim é que vemos surgir uma «cascata» de reconhecimentos por parte de certos países africa-

nos ou não, que são reconhecidas bases do imperialismo americano.

A imprensa internacional reaccionária que anteriormente intentava sistematicamente a deturpação dos acontecimentos em Angola torna-se mais «moderada» nas suas críticas e chega mesmo a calar-se sobre Angola.

Contudo, esqueceram que o Povo Angolano sabe diferenciar os amigos dos inimigos e uma vez mais parece fracassar tal tática, quando é anunciada a viagem do Secretário de Estado americano, Henry Kissinger, a África, recentemente concluída e que, na realidade, mostrou o descrédito em que está a cair a política dos E.U., pois que vários países africanos e líderes dos movimentos de libertação se recusaram a receber o agente do imperialismo americano.

As alianças firmadas nesta viagem foram bem reveladoras do cinismo de certos reconhecimentos (por exemplo, a Costa do Marfim, cujo líder acaba de «denunciar a presença cubana em Angola», no decurso da sua estadia em Paris) e da definição dos amigos e inimigos de Angola.

Se bem que possa parecer contraditório, a imprensa internacional reaccionária lançou-se numa campanha anti-cubana, tentando deste modo conseguir no futuro assegurar um domínio seu na África Austral e não só, após o descrédito em que tenta lançar o internacionalismo de que se reveste a ajuda cubana a Angola. Lembremos as recentes ameaças de Ford e Kissinger a respeito de uma futura intervenção de Cuba no mundo ocidental, do mesmo Kissinger que agora em África tinha «tão boas intenções» acerca da libertação dos Povos. Lembremos ainda as recentes revelações de um ex-agente da CIA em Cuba acerca dos planos que estão a ser intentados para o corte de relações diplomáticas de vários países com Cuba.

E para completar este quadro que nos surge? A ONAL! Uma organização pretensamente da «África livre» que, no entanto, é composta pela «oposição» reaccionária. Todos sabemos bem o que é a FNLA e conhecendo os regimes de alguns dos países acima mencionados e a ajuda que alguns deles nos têm dado, poderemos facilmente concluir quem são os da «oposição» africana.

Os Povos oprimidos de todo o Mundo, desde há muito só determinaram a combater implacavelmente todo e qualquer regime que vise a exploração do homem pelo homem e não será uma qualquer «ONAL» que lhes barrará o caminho.